

Coordenação e edição de Ana Teresa Alves (FCSH-UAc - ana.tc.alves@uac.pt)

As Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian

Autor:

José Carlos Pereira (FCSH-UAc)

Hoje, a **Cê de Ciência** apresenta uma relação quase improvável que envolve petróleo, arte, carrinhas e livros. Achas possível? Sim, e vamos começar por relacionar o petróleo com a maior revolução cultural de acesso aos livros e à leitura em Portugal. Como? A partir da figura de Calouste Sarkis Gulbenkian, um magnata que nasceu na Arménia em 1869 e adquiriu nacionalidade britânica em 1902. Calouste Gulbenkian tornou-se um dos homens mais ricos do mundo, devido ao lucro resultante da sua atividade na indústria petrolífera, tendo usado uma grande parte da fortuna para a aquisição de uma prodigiosa coleção de obras de arte, com peças únicas oriundas do Egito, da Grécia, do Japão e de muitos outros países do mundo.

Em plena II Guerra Mundial, Gulbenkian refugiou-se em Portugal, onde acabou por falecer em 1955. É por sua decisão testamentária que nasce a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), em Lisboa. Em 1958, a FCG criou o Serviço de Bibliotecas Itinerantes, por sugestão do escritor Branquinho da Fonseca. Estas bibliotecas "sobre rodas" tinham como objetivos promover a leitura, elevar os índices de leitura dos portugueses e democratizar o acesso ao conhecimento de forma mais equilibrada por todo o país, através da disponibilização de livros a comunidades rurais e urbanas que não tinham acesso fácil a bibliotecas e a livrarias.

Foram adaptadas centenas de carrinhas da



Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa.
(Fonte: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0/>)

marca Citroën para transportar por todo o país, os Açores incluídos, milhares de livros. Dentro da viatura, os livros, previamente catalogados, eram distribuídos por prateleiras dedicadas à poesia, à história e a biografias, bem como aos autores portugueses mais lidos na época, dos quais se destacavam Jaime Cortesão, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Alexandre Herculano, Eça de Queirós, Almeida Garrett e Júlio Dinis.

Para além da identificação por temas, nas prateleiras, os livros eram identificados com uma pequena fita de cor verde para as crianças, cor de laranja para os livros com algum grau de dificuldade e uma fita vermelha para os livros considerados de leitura difícil. **"Ir à Biblioteca", que parava mensalmente no centro de cada freguesia, era uma verdadeira festa (para mim era sempre!), sobretudo para os leitores que naquela época não tinham outra forma de acesso aos livros.** Não é, portanto, de estranhar que este serviço tenha sido um grande sucesso por todo o país. O número de livros requisitados é impressionante, sobretudo livros para crianças e adolescentes, entre os quais os das coleções *Pequenu*, *Anita*, *Astérix*, *Spirou*, *Lucky Luke*, *Os Cinco*, *Os Sete*, obras que marcaram para sempre várias gerações de leitores.

As bibliotecas itinerantes já não existem, mas a FCG mantém-se como uma instituição vocacionada para o apoio à arte, à ciência e à educação, como um espaço físico onde podes ver exposições, passear pelos seus jardins e comer um gelado, e é também uma instituição onde se faz ciência, através do seu Instituto Gulbenkian de Ciência.

É a tua vez

Ficaste com curiosidade em saber mais sobre as Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian? Consulta a sua história em <https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/chronology/rede-de-bibliotecas-itinerantes-gulbenkian-1958-2002/> e pergunta aos teus familiares mais velhos se iam a estas bibliotecas e que livros liam.



Leituras

Recomendamos a leitura da obra *Homens Livro*, da Editora Letras Lavadas, coordenada por Patrícia Carreiro, que apresenta documentos e fotografias dos bibliotecários itinerantes Carlos Marta Ferreira, Rui Guedes e Bento Nico Ramires.

